

O AZEITONENSE

Órgão independente defensor dos interesses de bairros e arredores

ADMINISTRAÇÃO

Manuel Faria de Bettencourt

Composto e impresso

Tip. Henrique Torres - R. de S. Bento, 279 - LISBOA

DIRECTOR

Gástor Faria de Bettencourt

Domingo, 11 de Janeiro de 1920

* * * * * PROPRIEDADE da Empresa AZEITONENSE *
* * * * * Redação e Administração * * * * *
Rua da Proclamação, 45, 1.º dir. — LISBOA

Toda a correspondência deve ser remetida para a Rua da Proclamação, 45, 1.º dir.
— ou para Frederico Valério — Rio Negro — Azeitona.

PUBLICA AOS DOMINGOS

Não se realizam originais entouras não publicados

Não se aceitam comunicações anónimas

EDITOR E GESTOR

Vicente Faria de Bettencourt

PREÇO DOS ARQUIVOS POR LINHA

Trimestre 80 (80 réis) 80 (80 réis)

Semestral 160 (160 réis) 160 (160 réis)

Ano 320 (320 réis) 320 (320 réis)

Pagamento adiantado

1.º Pagas 80 (80 réis)

2.º a 5.º Pagas 60 (60 réis)

6.º a 10.º Pagas 40 (40 réis)

11.º a 15.º Pagas 30 (30 réis)

sabia administrar ou queria bem empregar.

Fomos-nos os nucleos de saneamento e, feita a limpeza, teremos doado o passo primeiro para a grande obra.

Faço-nos o inventário criterioso dos nossos efectivos de riquezas, valorizandoo-se com um inteligente emprego de capital, tudo quanto possa contribuir para a missão que é maior.

Em conclusão: Trabalhemos com amor, com entusiasmo, com muita alegria, dos que estão em paz com a consciência, cantando alegremente como outrora as canções campesinas, as camponeses felizes, desde o despertar do dia até ao sono suave e meloso das Ave-Marias, que vinhão por em todos os lares uma prece ou um louvor.

O Trabalho não é, de forma alguma, um estigma de baixaça, é antes uma manifestação sobre a elevada da vida material, corresponde a uma necessidade imperante e todos tem a sua missão a cumprir.

Compremamo-la pois e teremos enveredado pelo caminho pelo que nos ha-de salvar.

A Crise

* Sr. Director de «O Azeitonense»
Meu Presidente Antigo,

Dinheiro V. ha díaz que precisa de um artigo meu para o «Azeitonense» onde em discessas coisas sobre o atual momento económico, sobre a vida de hoje no nosso Portugal.

Decindo então esse honrosíssimo convite, esse precíssimo fardo, sobre o qual quem melhor do que eu o pudesse realizar e, confessalo, não me arrependo ainda de o ter feito. E' que de facto, meu amigo, a nossa situação apesar de ser uma consequência natural e simples dos nossos próprios erros, apresenta-se como tal assustadora, que nos faz sentir tem tanta vastidão, que pretender encararla para sobre elle falar, é muito, é demasiado mesmo, para que eu, simples amador destes assuntos me permitisse fazê-lo... a serio.

E desmaiá ha já tantos trabalhos, tanto e de valor alguns deles — escritos sobre a nossa época financeira que por mais que eu me esforçasse nada de novo poderia dizer.

Hoje a nossa situação económica está já de sobreyo estudada, está já sóbreamente conhecida de todos. É difícil dizer-se mais.

Já comparamos nosso cronistas, os profissionais, se vêm obrigados muitas vezes a repetir nas suas crónicas as mesmas aprechendes que somente lhe situam lhes vem causando...

De facto, a situação de agora não é na sua essencia diferente da que tinha havia um ano, dois, muitos, afz.

A vida de Portugal vai por caminhos meio desconhecidos, mas bastante escancarados, caminhando animadado um movimento acelerado, dirigindo-se para uma meta terrível que não sabemos quando se atingirá porque não sabemos bem quando começará a lide localizada medonha que é sempre a berço do qual predominio — e onde parece que ninguém existe que, com puinho de ferro, possa segurar a espolas antes de tombarmos. Assim a nossa situação de hoje é caracterizada precisamente

O VIRA

(Estilização de uma dança portuguesa)

Ouvem-se palmas — traz! traz!
(Que linda voz que leva a cantadeiro...)
Quem pudesse tornar a ser rapaz,
Para dançar a vida inteira!...

Levar a vida inteira na docura
D'uma sagrada romaria;
Não conhecendo o travo da amargura
De cada dia;
Vou reparar!...

Bir! bir! tristeira, nem fadiga;

Tendo sempre na beca uma cantiga...

— Levar a vida a bailar!

Mas a roda é como a vida,
Vira...

Já de novo a roda gira,
Mais larga, mais divertida.
Rapazes e raparigas
Crianças e idosos no centro.

Cantadeira, mais cantigas.

Vemo lá! que é em também eniro.

Quem pelas valas doceira...

Seus a mais leve paraceira...

Quem melhor dança, delira...

E depois anda na dança...

E já dá valas sem conto;

Anda á volta vira, e vira

Como um pélo leve e tonio.

Nem atá mó de moinheira

Melhor anda e melhor gira;

Nem por curva de caminho,

N'um dia de ventania,

Remoinho de poeira

Melhor balha e se revira,

Vira com mais alegria

Que a roda alegre e ligeira,

Que no mal' da romaria

Vira!

AUGUSTO PINTO.

Até nem mó de moinheira

Nem um pélo leve e tonio,

Volta, e vira.

Dá tantas voltas sem conto

Como quem anda na dança

Como quem dança e delira

Sem a mais leve paraceira

Nas voltas leves do vira.

Crepita a romaria toda em festa,

Ha Sol, ha vinho, ha beijos e cantigas...

N'a roda, larga e leisa,

Já nem poisam no chão as raparigas...

... Andam... — «... um'undoidocorroço,

Coitadas se fizeram raticos bescorros,

Em baixados loitões

N'a lux ardente das ganchas d'uso.

E de repente, o vovo todo malta,

E tudo vai ao centro

E vira.

Vae a alegria tão alta

Tanto a alegria delira,

Que se sint o coração aos saltos cár

por dentro!

Quem padera dançar!...

(Baile-se agora em cruz)

E uma cantiga d'ouro, anda no ar

Como um farol de luz;

Uma viola tremula, suspira,

Trila como um rouxinol;

E os pares nas voltas do vira

São como abelhas ao Sol!

É a raça amarela está alerta, está

prompta a não deixar perder o momento

de realizar a sua velha ambição,

em quanto que os outros povos

se degladiam ainda, lucrando pela con-

quista, não de um ideal elevantudo e

nobre, mas pela satisfação vaidosa das

sua baixas aspirações.

Veia a guerra desperiar nos juros

o amor da patria?

Não; veio apagar os últimos clarões

dessa energia que leva os povos ao

apogeu da sua gloria, veio aumentar a

cobiça de todos nos, veio tentar-nos,

que Saramanha perverso, com o vilan

e o luxo do ouro.

Como se esse ouro não vá transformar em pô, no instante supremo da redenção!

O Trábilho é considerado ignominia,

gritinhos insuportáveis que ameaçinha-

que deprime, que estygma.

Onde se o Capital, mas os que o

o desejam, os que o desejam, os

que mais tenacemente pensam na forma

de o possuir.

Ninguém tem a compreensão dos

seus deveres, ningum se respeita a si

e menos os outros.

E' o triste e melancólico crepuscu-

lo d'esta raça predestinada.

Mas, não nos deixemos ir acorremos

Todos no dente pessimismo, nem nos

deixamos ficar contemplando, de lagrimas tremulas nos olhos e braços em

crucis, os estragos do furacão que passa.

Pensemos no porvir, pensemo-nos na

resurreição, pensemo-nos na regeneração

morosa d'este povo, cujo Passado heróico grita em nosso sangue, e dá à

nossa mente uma clara visão, à nossa

alma uma consoladora esperança!

A guerra arruinou a Europa e con-

sequente arruinou-nos também.

Quer fazer pôs!

Evidentemente reconstruir, levanta-

as ruinas, argamassar-as com uma

materia mais resistente, mais dura-

dura: a Fô.

Analisemos cuidadosamente o que

ainda nos resta, aquilo com que po-

de, novo, é indispensável.

Usamos-nos todos — et utopias! — os

que querem trabalhar e progressar e

expusemos os que não querem fazer e

que não entrave à grande obra de

regeneração d'um Povo que quer viver

livremente.

Diñheiro não falta, para as grandio-

sas empresas, o que falta é quem o

pelos mesmos males de hontem sómente agravados pelo tempo que vai passando. O mal de que então sofriam os é aquele que agora nos recratabem; o diagnóstico que então nos pôria curar é o mesmo que ainda hoje devemos aplicar decapitando pelo menos as flores, e sendo assim Sr. Director de "Azeitonense" o melhor arranjo que tem, não tem assim o que poderia escapar, nem tanto assim se a copia de um bom artigo da antiga, mas feita... a passo de festão — como o vulgo diz — isto é... com as suas mais carregadas.

A guerra com os seus horrores, etc., seria a primeira frase do meu artigo se o escrevesse Sr. Director...

A guerra essa certeza horrível, esse cruel desiderio, etc., etc., é no final de contas a frase — logo comum de que sempre se serve quem tenta falar da economia de hoje de qualquer, absolutamente de qualquer Estado.

A meu ver a guerra não foi propriamente a origem dos nossos males, que como lhe digo não se ha manejado sara...

A guerra a meu ver enganou todos aquelas que a desenfazem.

A Alemanha, a propria Inglaterra superham tirar da guerra um equilíbrio — a seu modo — para a vida da Europa; que já lhes faltava. A Alemanha e a Inglaterra enganaram-se porém redondamente.

A guerra evá lá o lugar comuns, consumiu rapidamente os valores que acumulados durante um período de superprodução, eram uma garantia para a vida das classes de primeira necessidade — iam consumindo mais que habitualmente, iam rarefando mais que o dinheiro em excesso lhes dava um consumo deshabitual e em grande parte... seu aproveitamento real.

Entretanto elas não eram produtivas proporcionalmente. Que resultou? Uma maior população consumindo estes produtos, uma menor população produzindo os... os preços, portanto, subindo, subindo sempre, o dinheiro desvalorizando-se; e bafolamente, falsoamente, elas ia-se multiplicando aos gemidos dos preços que vomitando nos dias não vão enganando.

Entretrou consumiu-se sempre hontem, à dia, o que estava acumulado, gasto-se.

Os hábitos de muito consumir adquiriram-se e ficaram, porque eram maus, e da situação de super-produção de antes da guerra em que nos encontravamos passou-se para a de super-consumo em que nos encontramos depois dela.

Se muito produzir não é fácil, muito consumir nadie produzindo é impossível e a produção aumenta, a produção e as «ofertas» diminuem, o preço sobe, sobe, sobe, e logo o que se vê mar de notas que crescem sem parar, mas conseguem remediar o mal que constantemente vai minando... E' como se quisesssem a força de deitar agua a dentro de um tanque, fazer esborrar um pouco de tinta que em liberdade boleava; e assim nos vemos os preços sempre acima dos salários e a concepção era de读a desampliar estes, e bem a lousa pretencendo de subir acima de um fardo que cada qual as costas transportasse; o conceito arraide — porque o é — mantém-se, os valores vão subindo e em proporção maior os preços subem também e nós assistimos a espantoso doloroso das questões sociais, que indicavam das classes trabalhadoras se tornarem meio suficiente para os supostos contemplados.

O operariado supoz esmagar o patrão obrigando-o a pagar-lhe oito horas de mau trabalho pelo preço das antigas des, e o patrão assim sobre-carregado tratou imediatamente de transferir para outrem — para o consumidor dos seus produtos — os excessos da má dobra....

O operariado que se vestia por sete pases a vestir-se por quatorze, que se vestia com roupas fabricadas em casa, passou a gastar seis e que com coisas com quinze pases a não poder comer por menos de trinta eis que era honesto passa, sem saber como, a embriagar-se, elle que vivia num feliz mundo passa a brigar com a família.

Ele que ganhava 34, passa de Jacinto a ganhar quarenta, elle que supõe sustentar suas perdas ainda edera e com elas.

E as reivindicações conseguidas depois de motins e de caídes veem agravar-lhe a situação roubar-lhe a alegria, a tranquilidade... a Vida! O remédio a aplicar é tão simples! A cura sólida faz-se um dia todos condenadossem o verdadeiro mal que nos ataca.

Desiludiam-se os que julgam que o dinheiro... a auto da Bressó só por si tem algum valor.

Ela não é mais que um simples esmalte, uma medida como qualquer outra...

E se ha designadura entre os salários e o custo da vida não pode destruir-lhe subindo os primeiros...

O caminho provado está — é ótimo, é o único que resta, baixar o segundo. Não se reincida em erros velhos... E' preciso produzir para se consumir, é preciso que se criem valores em vez que elles faltam.

Requer-se-nos que se tem feito em toda a parte, e — caso estranho — até na Rússia.

Nesse paiz anachronizado, nesse vulcão onde tudo quanto era bom, ardeu e se consumiu, começa agora a ver-se a verdade ainda que... no invés

Al, o operariado, o pretendido por-
ta-exceder de liberdade dos povos que luctou e conseguiu para si a
jornada máxima de oito e de seis horas de trabalho, acaba de descrever — para
os outros — a jornada mínima de onze horas.

Aíás se vê que é preciso trabalhar; e que belas experiências, que belos insumismos de lá nos tem vindo!!

Pois se da facto a crise é exclusivamente motivada pela falta de valores, como evita-la?

Sun, meu caro Amigo, Vede que escreve nos jornais, diga sempre, sempre, que é preciso trabalhar e muito.

E agora baixinho ao seu ouvidinho lembramo-nos também que era já tempo do exemplo ter partido de cima: é preciso que das altas esferas para qualquer coisa de valer que nos façam sair da corrente que nos enlaça, que depois todos os que se acham, nome, na maioria nas fábricas, trabalhando, ou, auxiliando-lhe também; mas entretanto grita sempre:

E' preciso trabalhar, produzir!

Mas o tempo foge-nos, não lh' rouba mais.

Creia sempre na amizade etc.

F. de MIRANDA BARBOSA.

3 de Janeiro de 1920.

Rectificações

Do nosso amigo sr. Abilio António de Carvalho, recebemos uma carta em que nos pede para dizer em complemento da noticia dada no n.º 21, que a Junta de freguesia de S. Lourenço não foi ouvida a respeito das festas de N.º S.ª da Conceição, motivo porque n.º 20, «rectificação» nem menciona.

Carvalho, só tem de rectificar.

Ave Marias!

Cá e tarde: Ao longe, muito ao longe, os últimos raios do grande astro estavam a sua dureza clarificada pela intensidade da sua ardor. O céu, que havia de ser de tristeza, desdobra o prazo mundo de silêncio... Isto parece adormecido. Os campos, tingem-se de cores sombrias... o mar perde, por um instante, a sua agitação, que se torna mais lenta, mais monotona. Só o topo das Ávo-Marias, n'uma capelina primitiva, queira, momentaneamente, a quietude geral das outras terras, as craves da sua vaidade, que é a Vida. Uma vida tem vida feliç, mas uma vida em que é necessário agir em vez de sonhar, e que precisamos orar para que possamos agir. E é devido a esta necessidade que nos sentimos tão impotentes, encara desconsoladamente a própria consciência. E' hora da meditação, das vidas recordações, dos silêncios, das reflexões, das memórias... e também é hora em que se experimenta, com maior intensidade, a empatia, infeliz ventura, de saber sentir e de saber perdurar!

Cançada talvez de contemplar as ricas e pesadas tapicerias que adornam o salão, ou os outros quartos, os quais só o iluminado capricho de uma pequena excursão pelos arredores de B.

Vivendo n'um meio em que a trivialidade é o microscópio de mais fácil transmíssão, esta perspectiva de vida, que é a de um homem, mal equilibrado, a facilidade de se entusiasmar por qualquer revelação do Poder Divino, sob a forma do Grandioso e do Belo, Manantial de "éste" ou "aquele" amor, é sempre a mesma, que só pode dar o nome de indiferença ao estado d'aqueles que, não compreendendo a linguagem da alma, se limitam a aborrecer-a.

Porém, é sempre a mesma tarefa de mal, n'um mundo tão propenso a pensamentos elevados, d'essa que a viscosidade se imprensava suavemente por tudo que a cercava... Os seus amigos, que eram os seus inimigos, os que lhe faziam aquela perturbante interrogativa: ao devendo seguirse um supersticioso recato, e, n'um arranjo de sentimentalismo, a viscosidade recordou.

Ressentiu-se, de novo, a sua tarefa, em dias que, ao lado de sua mãe, ela viria praticar, praticando também, a mais humilde caridade, d'essa que não escolhe, para se manifestar, a mais nobre das virtudes, a de querer auxiliar os maiores afeções, caridade que, n'uma tida um dos seus maiores interpretes, se não é devesse deixar influenciar pela sua paixão, é devesse ser, de fato, a mais nobre das virtudes, que se depreende o exento de futilidade e do egoísmo: era mal uma vítima da própria fragrância.

Novo momento de tentação revolta instala, em si, via claramente qual fragrâcia as bases que assentavam a sua tristeza.

Muita sede, ressentimento de que não havia tanta água para beber; muita fome, para que a sua alimentação a nova energia, escurecesse os seus raios d'água, embranquecendo-lhe assim dizer os sentimentos?

Resistiu-se, de novo, a quem a sorte haja tirado d'um tamancão alheio de ventura, algumas horas de profundo abatimento moral durante as quais se sentiu, de certamente, só, no fundo das suas grandes, que só o tempo tornava-lhe, agora que, pela primeira vez, desembocava na voz da natureza, calma-guia transportes de ternura para os que, no entanto, eram os que atraíam.

A essa saudade, a qual atribuiam a posse de todos os bens terrenos condensados n'uma existência de luxo e de prazer, falava a um sentimento de orgulho, o qual, quando que se realizava, era o único preservativo contra o cansaço de viver: a crença!

Na capelina primitiva, cuja alvura se adivinhava ainda na escuridão envolvente, sou o próprio topo das Ávo-Marias.

Ali estou eu, n'uma simples harmonia, que o espírito da viscosidade trouxe um instante clássico à fita! Foi, para ella, o alívio de um sonho, e de um sonho que se realizava. Foi o rolar d'uma inteligência, a libertação de todo o amor; ou, o primeiro passo na conquista da imponente transfiguração, sem a qual ninguém se consideraria digno de viver.

Humildade e engrandeçida... a viscosidade enche... choros!

NELLY.

(Transcrição).

Archivo bibliografico

Ladroneiros e Ladroneiros (cultura e valor dos «seus produções») 2.ª edição — **A. Bento Gomes Polvora** — ed. da Livraria Clássica Editora — Lisboa-1919 — Acabado nos chegámos ás mais surpreendentes d'esta obra, cujo valor desrespeitável se torna encarecer, demais que a afirmar-se está o facto eloquente e poweroso que existe entre nós de aparecer em 29 tiragens.

Oportunamente faremos o comentário mercêdo, aconselhando desde já a nossos leitores a ler esse trabalho, certos de que lhes será proveitosa essa leitura.

Agradecemos ao autor a gentileza da oferta.

Nota — Far-se-ha o comentário de todos os livros de que nos seja enviado 1 exemplar.

Depurativo Dias Amado

Cuidado muito cuidado!

Nada ha mais triste do que um degagado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pôde, fazer um tratamento errado por raia sua honra só iludido por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Inefizemente, temido conhecimento de casos que por esta circunstância são verdadeiramente desumanos.

O verdadeiro específico d'este nome, o *último* que está registrado em todos os países da Convenção Internacional de Marcas, é preparado de **Antônio Diaz Almeida**, que n'ele introduziu a seguinte descrição: «doce de açúcar, amêndoas, amêndoas, leite, tabuleiro, essas, rum, rum, uvaras ou fatias, os tumores, as doçuras de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue».

Posto geral — Casa do autor — **Farmacia Lourenço Brásileiro**, Praça de São Paulo, 30 — 33 — 35 (esquina da rua Visconde de Carvalho) — Lisboa — Tel. 1683.

Porto — Farmacia Almeida Conha à sua Farmacia, 227.

Expediente

Em virtude do nosso velho amigo sr. Frederico Samões Valido ter de retinar-se brevemente de Azeito, será de futuro o *Azeitoneiro* representado pelo seu novo amigo sr. Francisco M. Xavier Junior que se dignou aceitar nos nossos instantes pedidos.

Lastimando a saída de Frederico Valido, a quem aqui tributamos o nosso reconhecimento por todo o trabalho que tem tido e pela sua valiosa cooperação, saudamos o nosso novo representante, sr. F. M. Xavier Junior.

Cartos de que a sua condução à obra em que esteve engajado, é de suma garantia que aquele prosiga com a mesma dedicação que até aqui, tornando-se o *Azeitoneiro* cada vez mais útil aos que o houram com a sua atenção.

A favor da Misericordia

Por iniciativa do ilustre clínico sr. dr. F. Gonçalves Lopes, médico do parto municipal em Villa Nogueira, foi organizado um grande concurso que levou a mais de cinquenta recetas em beneficiária da Misericordia desta villa.

Brevemente se realizará a primeira recta, pois que já estão em ensaios, sendo ensaiador do grupo o distinto amador dramático e nosso amigo sr. Antonio Bastos.

Oxalá que esta iniciativa vá por dezan- e não morra à saúdecem como muitas outras.

Ez Azeitão há rapazes de valor que podem prestar o seu concorso não só para esta obra meritoria como também para distração dos seus habitantes e também para auxiliarem em alguma melhoramento que bem necessários se tornam.

Os nossos amigos

Tiraram a amabilidade de mandar pagar o segundo trimestre mais os seguintes amigos de *Azeitoneiro*:

Ex. Sr. — **D. Maria Antónia Jorge**, D. António da Costa, D. António Pinto, D. António da Costa, D. António Pinto, D. António da Costa e os sr. José António Nogueira, Manuel Pereira Alves S. Júnior, Domingos Gaia, António Augusto Pereira, José Oliveira e D. António Augusto Pereira, José Oliveira, Bento, Manuel dos Santos Costa, Alberto Gomes Oliveira, João Xavier Marques, Augusto Tomás da Silva, José da Cunha Brando, José Paulino da Costa, José da Costa, José da Costa, Ildefonso Henrique Oliveira, Julio Cacharras, Diogo da Costa Passos, Antônio Matilhas, Joaquim Brito da Mata, Antônio Pereira, Francisco Freitas, José da Costa, António Machado, José Leal da Costa, Júlio Maximiano da Costa Correia, José Cyriaco Costa, Castanho Carvalho, Lopes, João Luís, Henrique de Sousa, António da Costa, António Machado, José Pereira Pinto, Antônio Fernandes Sousa, José Pimenta, Francisco, Manuel Lopez Coimbra, José da Silva Baptista, Damião Nunes Pereira, Abílio António de Carvalho.

servido aos convidados um lauto banquete em casa dos pais da noiva, sendo selecta e numerosa a assistência.

Na «corbeille» haviam prendas de arte e considerável valor, não mencionando pelo seu elevado numero e por falta de espaço como que lutamos.

Mencionaremos, contudo, uma cruz de brilhantes, saphires e rosas, oferecida pelo noivo à noiva e um scrivo completo para barba e um tinteirol, tudo confeccionado em prata com relevos artísticos, da noiva ao noivo.

O menino Hugo Quintans ofereceu as alianças do casamento que foram trocadas na igreja e os tios do noivo ofereceram dois retratos dos noivos guarnecidos por explendas molduras de pau santo.

Durante o banquete reinou enorme animação levantando-se, ao todo, muitos brindes. Os noivos retiraram à noite para Setubal onde virão residir.

Que lhes sorria a ventura, de que ambos são dignos são os nossos ardentes desejos.

Aniversários

Passou no dia 2 o aniversário do nosso amigo e assimilado sr. José Camacho Junior.

Também passou nesse dia o aniversário da sr. D. Natalia de Almeida e Sousa gentil filha da sr. D. Maria Ignaz de Almeida e Sousa, nossa preada assistente.

Vigilâncias

Regressou à sua casa de Lisboa o nosso amigo e assimilado sr. dr. Antônio Maria de Souza.

Está aqui na segunda e terceira feira o nosso amigo e assistente sr. Francisco Ricardo da Conceição.

Doentes

Encontra-se um pouco melhor, podendo considerar-se livre de perigo a sr. D. Alda Aires Curado Rocha, esposo da noiva querido amigo sr. Joaquim Militão Rocha. Fazemos votos pela continuação das melhorias.

Tem passado mal a sr. D. Maria da Assumpção Madeira esposa do nosso amigo Francisco Ricardo da Conceição. Fazemos pelo seu prompto restabelecimento.

Tem estado muito doente uma filhinha do nosso amigo sr. Bernardo Lobo. Desejamos-lhe rápidas melhorias.

Tem estado doente o nosso querido amigo e prezado diretor sr. Gaspar de Bettencourt. Fazemos sinceros votos pelo seu prompto restabelecimento.

Tem estado doente de cama com um ataque de gripe o rev. Fernandes Castro, nosso prezado amigo e assistente. Fazemos votos pelas suas melhorias.

Frazão de Vasconcellos

Acaba de ser nomeado socio da Associação dos Arqueólogos esse nosso amigo.

Conratulamo-nos com a justa homenagem que acaba de ser prestada a Frazão de Vasconcellos e aproveitamos a oportunidade de dar aos nossos leitores a grata notícia da sua proxima colaboração no *Azeitoneiro*.

Horário dos Vapores do Barreiro

Partidas de Lisboa: 6,30; 10,30 (não ha domingos) 8,15; 10; 18; 14,30; 17; 18,45; 20; 23,30 (não ha; nos domingos e feriados); 1 (não domingo e feriado).

Partidas de Barreiro: 8,30; 7,45; 9,45; 15,45; 18,30; 19,30; 20,30; 21,30, (não ao domingo)

GAMA
Antiga Casa MANAÇAS
Grande variedades de bilhetes e fracos para todas as

LOTERIAS

Cautelas de todos os combates. Atende preterados todos os pedidos da província: Ilhas e África.

Forçase para responder as melhores condições. Pelo correio cada milha \$10 para registo.

SEMPRE SORTE GRANDES...

TELEFONE: Central 1020

Rua do Amparo, 49 — LISBOA

Pedidos a F. SILVA GAMA

28 - Pórtico do Recife - 11 de Junho de 1928

M. CARDOSO MARTINS

Mulheres notáveis de Portugal

XI

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

As figuras eminentes da república, entre as quais relevava Dona Leonor Pimentel, perdidas as fortificações exteriores da cidade, entreceriram-se no último reduto, castelo de São Lourenço, onde, a 13 de junho de 1790, tiveram de render-se depois de uma energica defesa, as tropas do cardinal Ruffo.

Mais de trinta mil defensores da República encoparam as ruas da cidade como o que nem sanguine. Os realistas, sensíveis ao sítio, abandonaram a massa; Dona Leonor foi das primeiras vítimas, leijaram-na somariamente, e enfocaram-na entre os insultos socos do populacho, que lhe pagava nesta moeda a defesa dos seus direitos.

Muitas páginas seriam necessárias

para exaltecer o carácter e outros méritos pessoais de Dona Leonor da Fonseca, e assim a suobra política e literária. Porque é de saber que a ilustre senhora, que conta como uma das gírias não só de Portugal como da humanidade, foi uma distinssima escritora, notabilizando-se como poeta, dramaturga, jornalista e oradora.

XII

DONA MARIA JOAQUINA DOBROTEIA
DE SEIXAS

(Marília de Direito)

Se falei de Natéria, porque hei-de calar Marília! Ambas inflamou o mesmo grande amor; ambas inspiraram dois grandes poetas, ambos heróis. Tomás Gonçalves e D. Maria Joaquina Dobroteia de Seixas B. Andrade entra na história das amores celestes com direitos não inferiores aos de Dona Catarina de Ataíde.

Era aquele o seu nome de família; sob o nome pastoral de Marília a canhou o ilustre lírico Gonzaga, que baptizou

zando-se de Direito, mandou correr para Marília de Direito, delicioso, admirável livro de líricas onde eterniza a história da sua paixão.

Era de Vila Rica, cidade brasileira pertencente à opulentissima capitania de Minas Gerais, onde nasceu a 8 de Junho de 1767, D. Tomás Baltazar José de Seixas, o célebre marquês o poeta, quando era ouvidor nessa vila. E de tal sorte se lhe afincou, que mal nela via, nadia mais o seduziu nem interessava viver a sua adorada Marília Joaquina, de quem esperava fazer muito em breve sua esposa.

A descrição da casa dela em Vila Rica fá-la assim Gonzaga numa das suas Liras:

Torna de Marília a estrada;
Na Igreja nova, a que fica
Ao direito lado, e segue
Pra o convento, que é de Santa.
Entra terra grande,
Perna huma formosa,
Perna a segunda, a terceira
Tom bem passado defronte.

(2) Lyra XXXVII da s.º Parte (pág. 107).

Elle tem as pés da porta
Havia rangida janela,
Ma de saudade, nem sempre
A minha Marília bella.

Se era linda! Gonzaga não se cansa o proclamar em quasi todos os seus versos. Na Lira II da 1.ª parte das suas líricas imortais, ele pinta-a destas forma:

Quem tem compeditos cabellos,
Quem tem os olhos de ouro,
Mas que só da Apúlia os bellos;
Mais de hora vir não she.

Tom a voz negra do resto (2);
E com o branco do resto,
Fazem, Marília, bem composta
De mais formoso unido.

(Continua).

Anedocatas**Bona orthographia.**

Um sujeito teve de mudar de administrador de uma propriedade que possuía. O despedido, que era algo estupido, apresentou ao substituto a lista do que se havia gasto em sementes no anno anterior, e que dizia assim, pouco mais ou menos:

«Zebolas, batões, Koliflor, canuras, etc.»

— Mas, aqui não ha orthographia!
— exclamou o novo administrador.

— E' que não se semear o outro anno!

Entre amigos

— Sabes que o Rodrigo se vai separar da mulher?

— De qual d'elles?

— De qual d'elas?

Gama & Correia

Aparecida de Izamal, Calçado, Chapeus, Máquinas de costura, etc.

Vinhos, Arquiteturas, Azulejos, Sabão, Petróleo, etc.

Preços sem competencia
Rua Direita, AZEITÃO

Theodoro dos Santos Reis e Silva

Sucedor de Ospézios dos Reis e Silv

Casas Fundadas em 1827

Concerta legões e pão de todas as qualidades. Concerta relógios, louças e objectos de cristal, marfim, tartaria, madeireira, celulóide e outras bijuterias.

Restauração de Louças antigas

84 RUA SERPA PINTO-74(ao CHIADO).

76 Rue Nova do Almada 78

LISBOA

Manuel Pedro da Silva, L. da

Guarda-chuvas e sombrinhas

Sempre Novidades

Bengalias da moda

Fentes e travessões

Ganchos com duas pedras

Leques de fantasia

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1.º e 2.º qualidades fabricado

com escravo e açor

Vendas aos domicílios

P. ABARIA AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguiar, 251 a 253

BARREIRO —

Pão de 1